

Voz de Guimarães

SEMANARIO REGIONALISTA

Industrias vimaranenses

Visto que começamos a falar das Indústrias textiles, continuaremos a ver o assunto. Já dissemos o que havia de mais interesse a respeito do linho, sua fixação e tecelagem; e agora nos passamos a ocupar da indústria que, embora mais moderna, é actualmente a mais importante de Guimarães, a que tem mais capital imobilizado, a que ocupa maior número de operários, a mais adequadamente e de mais renome em razão da abundância e notável aperfeiçoamento dos seus produtos: a indústria de fixação e tecidos de algodão.

Em antes, porém, como questão preambular que não é nada desprida de interesse e tem conexão íntima com o assunto, visto que é sua matéria prima, digamos duas coisas a respeito da origem, cultura e qualidade do

Algodão

O algodão, originário da Índia, é uma substância vegetal obtida do fruto do algodoeiro planta conhecida na botânica por *Gossypium*, da família das Malvaceas. Cultiva-se nos Estados Unidos da América do Norte, no Brasil, no Peru, na Índia, na África, e em pequena porção no México, na Austrália e na Turquia.

A mesma semente produz variedades muito diferentes de algodão, e a própria planta apresenta desenvolvimento diverso, de: o porte arbóreo, na zona tropical, até o herbáceo, nas zonas temperadas e quem es, dependentemente da humidade atmosférica, da natureza e salinidade do terreno, da temperatura, etc., sem que esse porte influencia variações da fibra.

Debixo do ponto de vista comercial, dividem-se as fibras atendendo ao comprimento, que varia desde 0.015 a 0.05. O algodão de fibra mais comprida é o Peruano, e o de mais curta o Bengala. O diâmetro também varia de 5 a 14 milímetros, influindo na qualidade.

A quarto tipo se costuma reduzir as variedades do *Gossypium*, a saber: *Barbadense*, *Hirsutum*, *Herbaceum* e *Peruviano*.

Ao primeiro pertencem os algodões *Sca-Island* e *Gallini*; ao segundo o *Uplands*, *Mobile*, *Texas*, *Orleans* e *Egipto* branco; ao terceiro o *Egipto* castanho, o *Smyrna* e o *Indiana*; ao quarto o *Brazil* e o *Peruano*.

Os caracteres por que determinam a escolha dos tipos de algodão e traduzem as suas qualidades são o comprimento da fibra, a sua finura, resistência, lizura, cor e limpeza.

O algodão mais empregado nas indústrias da terra é o Americano, o Brasileiro e o Egipto. Da África vem igualmente muito pouco, atenta a pequena cultura e a sua irregularidade.

Merce nos particular atenção a cultura do algodão na nossa África, a qual principiou em 1852, bevidão à iniciativa do Marquês de Sá da Bandeira, sabida e assegurada que foi a espontânea da sua produção e igualmente conhecida a facil aclimatação das melhores qualidades de sementes, tais como a *Sea-Island*.

Nesta época distribuiu o governo português em Angola sementes de algodão da América do Norte e mandou semeadores mecânicos para os agricultores de Moxamedes.

Em 1855 foram autorizadas as Juntas de Fazenda da África e Moçambique a comprar, durante três anos, todo o algodão colhido nestas províncias e naquel mesmo ano e em 1859 enciou-lhes o governo novas sementes.

A 9 de novembro de 1861 o Conselho do Ultramar indicava ao Governo da metrópole o desenvolvimento da cultura do algodão, atendendo ao seu notável e progressivo consumo no país, à aptidão dos terrenos d'Africa para a sua cultura e produção, à vantagem para os agricultores, à beneficiação do estado económico-financiero, etc., e propunha os meios a empregar para se conseguir o desideratum.

Em julho de 1862 o Governo da metrópole remeteu muitas máquinas de descascar algodão, as primeiras deste género que entraram na Província, e ali foram logo vendidas. No ano seguinte contratou o Governo Português um cultivador em Pernambuco para ir ensinar a cultura em Angola, e espalhou milhares de cartilhas explicativas, distribuindo também mais sementes.

Mandou ainda o Governo comprar todo o algodão produzido em Moçambique e Timor, e enviou igualmente sementes para Cabo Verde.

O decreto de 13 de maio de 1864 estabeleceu prémios para cultivadores de algodão em Angola.

Em 1865 fez o Governo nova remessa de sementes para Moçambique, e na Exposição Universal de Paris, realizada naquele ano, foram muito apreciados nossos algodões, o fio d'ele e os tecidos com ele obtidos.

Desde 1862 a 1865 concederam-se 597.483 hectares de terreno em Angola e 50.000 em Moçambique para cultura de algodão, e não mais por não haver pretendentes.

Era muito pouco, mas já era alguma coisa.

Pela lei de 17 de agosto de 1899 assegurou-se, durante dez anos, uma tarifa alfandegária diferencial de 50 réis para proteger a rama d'Africa, tornando a exportação e crecendo o impósto de 10 réis em kilo sobre o algodão importado, destinando o seu pro-

Voz de Guimarães

Noutro lugar do jornal encontraria os nossos leitores a fotografia da máquina em que vai ser impresso o *Diário do Minho*, o nosso jornal e todos os outros da União da Imprensa Regional do Minho. No próximo número trataremos desenvolvidamente do trabalho que se vai realizar, e que em todo o Minho deve cooperar porque essa cooperação pode resultar completa esta organização que representa no Minho a aspiração dum povo quer ver em paz e progresso. O artigo que segue é transcrito do *Diário do Minho*, o círculo deste organismo.

Na hora da tentação...

Cemiterio da Figueira da For, 2 de novembro de 1921

Faz hoje quatorze dias que deixei aquela casa de trabalho que é o *Diário do Minho*, com a obra imensa que em volta dele se está organizando. Dentro de poucos dias, tendo obedecido aos médicos que me impuseram este breve repouso, irei recuperar o meu posto no meio das poucas boas vontades que labutam conigo naquela galé de trabalhos forçados.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

A instabilidade ministerial que tem sido um mal gravíssimo do novo regimen político, não tem permitido que os governos consagrem ao importissimo assunto o cuidado que merece, mas temos grande confiança em que a cultura progredirá sempre, favorecendo assim a indústria nacional e concorrendo eficacemente para a beneficiação do nosso estado financeiro.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.

Forçados? porquê? Forçado é... o repouso neste «dormitorio» do ultimo sono. Ali, na porta, acabo de ver escrita a legenda: *Raposo da vida!* Este repouso é que é forçado. Mas comigo, estudando as bases do projeto inicial, elaborado em 11 de Janeiro de 1905, redigiu umas bases que apresento ao Governo.</p

A postos para a chamada

Foi dissolvido o parlamento pelo governo do Sr. Maia Pinto e marcadas eleções para 11 de dezembro. Não é isso uma novidade para os leitores, como não seria motivo de extranheza a dissolução, anuncuada desde os primeiros momentos que se seguiram ao triunfo do último movimento revolucionário.

Não saímos desta giga-joga de movimentos revolucionários e das soluções parlamentares. Ouve-se constantemente pregar amor à liberdade e à Constituição, que os homens da liberdade querem seja vestal imaculada em que ninguém ouse tocar, e afinal a legalidade é todos os dias sacrificada aos interesses da revolução e a Constituição é manta de farrapos, a que cada político se julga com direito de arrancar o seu pedaço.

Invoca-se, lembram-se os seus preceitos, para que os outros os não transgridam, mas em projeto próprio... há sempre maneira de sofismar-lhe as disposições, dando ao público a impressão de que os golpes que lhe foram vibrados são absolutamente constitucionais.

Pobre constituição! Se fosse a gritar, sempre que a maltratam os seus defensores, ninguém em Portugal teria timpano tão forte que pudesse suportar o berreiro dos devedores dos seus gritos e queixumes.

Adeante. Os juristas que discutam estes assuntos e os jornalistas que se ocupam de coisas mais práticas e de mais interesse para o público.

Toda a classe de pessoas carece de um divertimento, de alguma coisa para entreter-se nas horas vagas e nos momentos de tédio.

Os políticos tem a Constituição

E' com ela que se divertem, num exercício de jogo de bilhar, em que as carambolas nem sempre são certas, sendo comum mais que certo que o país é sempre carambola do. Vão, pois, em 11 de dezembro realizar-se as eleições, em virtude da dissolução parlamentar.

O país é nesse dia chamado a dizer da sua justiça e o povo soberano vai mais uma vez exercer a sua soberania.

Ha muito quem descrece já da eficácia deste meio de exercer o voto a tal soberania e não seremos nós quem venha negar que a pureza do sufrágio está sendo há muito tempo a menos pura de todas as coisas impuras.

Mas, viciado ou não, o sufrágio é hoje o único meio que ainda resta aos portugueses de levarem ao parlamento quem defende Portugal e de livrarem o país de quem se defende a si com dano e prejuízo de todos os demais; de quem trabalha, arruinando o país, para enriquecer homens e engrandecer partidos.

E' um axioma, evidente verdade clamorosamente provada, que o país está farto de política, de políticos e de politiquices, está cansado de lutar e acha porque se ponha termo a odios que dividem, a violências que magoam e a injustiças que ferem e que revoltam.

E' mais que certo que o país detesta os assassinos que mancharam o nosso bom nome e repele toda a solidariedade com os desordeiros que constantemente agitam a vida nacional, fazendo viver os portugueses sobre um vulcão, prestes a causar a todo o momento os seus estragos.

Ninguém duvida que a quasi totalidade dos portugueses vê com magua o achincalho às crenças católicas e lamenta no seu íntimo o esbulho feito à Igreja, nos bens que a piedade e dedicação dos fiéis legaram, para mais facil desempenho da missão salvadora e civilizadora que a Igreja exerce no nosso país.

A nenhum espírito, por mais rude, falta hoje, a convicção radical e profunda de que o mal está em que vivemos se deve ao abastardamento dos costumes, à falta de Deus na vida social e política da nação.

Enquanto tanto, ao realizarem-se as eleições quase todos colaboram na obra de ruina e muito poucos mostram prática e eficácia na urna ou seu descontentamento e repulsa pelo descalabro.

Detestam-se os políticos e as suas habilidades, suas fraudes e seus processos de politizar e nas eleições vai-se com os políticos e daí se lhes força para a continuação da sua obra nefasta.

Lastima-se o achincalho às crenças católicas e o esbulho dos seus bens da Igreja e nas eleições são cobertos de votos os nomes de candidatos sectários, ateus, maçons, ou pertencentes a partidos em cujo programa figura como ponto essencial a guerra à religião e o ataque ao clero e deixam-se sem votos os deputados católicos apresentados ao sufrágio, que se propõe defender no Parlamento os direitos e liberdades da Igreja e da Religião e obter dos poderes públicos o máximo respeito pelas crenças tradicionais dos portugueses que fazem parte da esfera da Raza e constituem seus meios titulares de glória.

Diz-se que os católicos são a maioria do país e, ou tal afirmação é a mais refinada mentira, ou o catolicismo dos portugueses é uma expressão muito vaga e sem sentido, digna não só de se lhe tirar o chapéu, que é acto que denuncia respeito e veneração, mas de se lhe fazer e dizer não sei o que?

Quando é que se sairá de vez dessa atitude de incoherência que se manifesta cada vez que no país se realizam eleições?

Quando é que os portugueses, os católicos, os lavradores, os proprietários, os artistas, todas as classes que sentem o mal e abominam a injustiça, se sentem envergonhados de viverem num país assim, em que predomina a anarquia e campela a desordem, se resolverão a intervir pelo meio legal que lhe resta, que são as eleições?

Francamente já me não como mais ouvir queixumes nem ver, em áreas de desgraça, nenhum português a dizer que isto vai mal.

E a razão é que isto vai mal porque nós queremos, porque nós temos nem dignidade nem honra nem vergonha nem sentido.

Ha muito quem descrece já da eficácia deste meio de exercer o voto a tal soberania e não seremos nós quem venha negar que a pureza do sufrágio está sendo há muito tempo a menos pura de todas as coisas impuras.

Mas, viciado ou não, o sufrágio é hoje o único meio que ainda resta aos portugueses de levarem ao parlamento quem defende Portugal e de livrarem o país de quem se defende a si com dano e prejuízo de todos os demais; de quem trabalha, arruinando o país, para enriquecer homens e engrandecer partidos.

E' um axioma, evidente verdade clamorosamente provada, que o país está farto de política, de políticos e de politiquices, está cansado de lutar e acha porque se ponha termo a odios que dividem, a violências que magoam e a injustiças que ferem e que revoltam.

Creio que a regeneração é ainda possível e até que ela é fácil.

Para conseguí-la bastaria que os católicos portugueses fossem deveras e, como sentiu a sua posição, respondessem ao alerta dos seus chefes, chamando os ás da sua mão a lutar contra a desordem e contra a injustiça, por Deus e por Portugal.

Creio que a regeneração é ainda possível e até que ela é fácil.

Para conseguí-la bastaria que os católicos portugueses fossem deveras e, como sentiu a sua posição, respondessem ao alerta dos seus chefes, chamando os ás da sua mão a lutar contra a desordem e contra a injustiça, por Deus e por Portugal.

Sinceramente desejamos que o governo do sr. Maia Pinto possa manter a ordem na rua e restituir a tranquilidade aos espíritos. Mas, também com a mesma sinceridade confessamos, não temos a menor esperança que o consiga.

Conhecemos pessoalmente o novo chefe do governo, com quem trabalhamos em África. Não temos razões bastante fortes para duvidar da sua boa fé, menos da sua energia.

Mas, justamente porque o conhecemos, permitimo-nos duvidar da sua competência para a melindrosa missão deste momento, e porque conhecemos, infelizmente, o mérito em que vivemos temos a certeza de que a energia do sr. Maia Pinto de torcer e fraturar perante as pressões do engrangamento em que fixa a situação política.

Quanto, no entanto, ao posse, um representante dos revolucionários arrogante quis recitar ameaças ao sr. Maia Pinto, tomado uma atitude digna, com clareza afirmou que a obra dos revolu-

Tabela de portes das correspondências, cartas e caixas com valor declarado, expedidas de Portugal para os países estrangeiros exceptuando Espanha desde 1 de Novembro de 1921

Cartas e caixas com valor declarado: Impressos em relevo, para uso dos cegos cada 500 gramas ou fração, até ao limite de 2 quilos, 4 M. nuscritos até 250 gramas, 40 ctv.; cada 50 gramas ou fração, além das 250, até ao limite de 2 quilos, 8 ctv.; Amostras até 100 gramas, 16 ctv.; cada 50 gramas ou fração, além das 100, até ao limite de 500 gramas, 8 ctv.; Premio de registo, 20 ctv.; Aviso de recepção acompanhado a correspondência, 40 ctv.; pedido posteriormente, 80 ctv.; Correspondência a entregar por próprio alem das respectivas taxas (a cobrar do remetente), 80 ctv.; Correspondências contraembargo: Além das respectivas taxas, a cobrar dos remetentes, 8 ctv.; a cobrar dos destinatários por dedução da quantia cobrada além do premio do vale, 17 ctv.; Pedido de informes de objectos ordinários ou registados, 20 ctv.; este pedido transmite-se gratis quando a correspondência a que se referir, tiver sido acompanhada de aviso de recepção. Pedidos para retirar correspondências ou modificar endereços, 60 ctv.;

Cartas e caixas com valor declarado: alem dos respectivos portes ou taxas; por cada 300 francos-uro (600\$00) premio de seguros, 1800 escudo; Caixas com valor declarado: taxa até 250 gramas 80 ctv.; cada 50 gramas 1 quilo 16.

Imposto do selo

Por determinação do D. 7772, que alterou as tabelas do imposto do selo fica assim a taxa respectiva dos selos de recibo:

De 01\$00 a 10\$00, 2 cent.
De 10\$00 a 50\$00, 3 cent.
De 50\$00 a 100\$00, 5 cent.
De 100\$00 a 250\$00, 8 cent.
Cada 250\$00 a mais ou fração, 8 centavos.

8 centavos.

tar. Dejemos que no ânimo dos seus subordinados e dos seus colegas — desse principialmente — subiam incutir tão elevados de si.

Na distribuição dos lugares tem de ser de uma justiça inflexível. No ministério das Finanças, o político pouco tem que fazer. Aliás, é momentaneamente como esta, o lugar de tecnico. Técnico que se rodeia de técnicos e não se protegidos.

E por fim — a par do bom senso, da habilidade, do desinteresse, da mais inconsciente honestidade, de tentas outras qualidades que seria longo e ocioso enumerar — por fim, o mais profundo desrespeito pela aura popular. O ministro da Fazenda deve antes de tudo renunciar à popularidade, nunca a corajoso, tendo em vez muitas vezes avaro, outras tantas intratigante, e desgradando quasi sempre a todos pelo que faz. São palavras de Bastiat que, se não fôra a modestia do nosso nome, perfilariamos inteiramente.

DA TUTELA

O sr. Leôdo do Rego, queixa-se, no Diário de Lisboa, de que permanecem as aguas do Tejo, navios estrangeiros, e diz dos crimes que motivaram a sua vinda:

Declarei o já na imprensa estrangeira, e logo de o poder na noite neu-

paiz, que me sinto vexado e indigno com os crimes. De resto, os indicios e

graves de que na sua execução colaram homens de armas de terra e mar,

eu sou daquela para quem a família

mitar é só uma: exército marinha.

As glórias pertencem a ambos, da

mesma forma, os crimes que um ou

outro praticam, desde que figuraem

impresos, manchará irremediablemente os

Mas, se é certo que as imprenas

até ao ponto de não mais ver a

minha farda enquanto não sejam pu-

nidos, sinto-me, no entanto, vexado,

como português, com as demissões

que se diz terem sido feitas pelos repre-

sentes estrangeiros em Portugal e com a

apresentação de um livro, em que tudo isso

está exarado, para que uns e outros sejam julgados.

Por agora falam os factos: mais de 30 contos

reunidos, o jornal com quatro páginas e a 50 reis

quando os outros quase todos se vendem pelo dobro;

3 semanários já em publicação e vários outros a sair

na proxima semana e nas seguintes, vencidas as dificuldades tecnicas que este serviço apresentava, até agora.

Pois agora anunciamos aos scepticos e aos malevolos também — que estou impossível, será uma realidade dentro de poucos meses.

E' para ver se lhes gozo outra vez o sorriso, e

lhes acirro, aos malevolos, o apetite de provarem

o que é certo que as imprenas

até ao ponto de não mais ver a

minha farda enquanto não sejam pu-

nidos, sinto-me, no entanto, vexado,

como português, com as demissões

que se diz terem sido feitas pelos repre-

sentes estrangeiros em Portugal e com a

apresentação de um livro, em que tudo isso

está exarado, para que uns e outros sejam julgados.

Por hoje, mais nada.

Vae ser convocada por estes dias a assembleia

geral que em agosto não reuniu por falta de numero

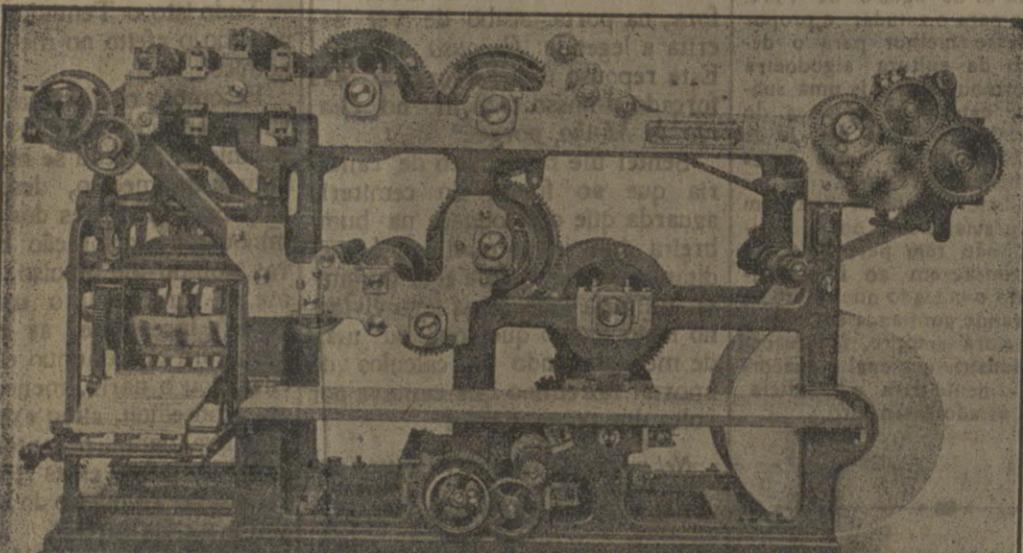
e que considerações muito atendíveis aconselharam-se

adiante para esta época, depois do regresso, dos principais acionistas.

Até lá, tenho de dar aos amigos desta obra al-

gumas explicações e notícias, para o que aproveite bem o repouso dos vinte dias.

Arthur Bivar



«Diário do Minho» e semanários da União Regional da Imprensa do Minho.

A futura máquina rotativa

que dará nove ou dezoito mil exemplares à hora

de jornais de 4, 6 e 8 páginas, dobrados e cortados.

com a própria língua a dureza da nossa língua, como

a vibora da fabula...

Por hoje, mais nada.

Vae ser convocada por estes dias a assembleia

geral que em agosto não reuniu por falta de numero

e que considerações muito atendíveis aconselharam-se

adiante para esta época, depois do regresso, dos principais acionistas.

Até lá, tenho de dar aos amigos desta obra al-

gumas explicações e notícias, para o que aproveite bem o repouso dos vinte dias.

compromete a cumprir-lo dentro das suas

posses; os restantes ministros acham-se

dispostos a fazer obra retintamente re-

publicana.

Uma autentica barafunda.

O que importa é fazer obra retintamente nacional, o mais sáios equivocos.

DO MINISTRO DAS FINANÇAS

O Diário de Notícias diz, num

OS NOSSOS CONTOS

CARDENILLO

Conto hespanhol

VERSAO DE SPÍRITU ASPER

Bons dias, dr. Sanchez, disse um hortelão que voltava da cidade montado num burro.

- Bons dias, rapaz, responder o dr. Sanchez, que passava à sombra do arvoredo; que novidades, lá por casa?

- Tôdos bem, disse o hortelão rindo. Só o que me parece é que Cardenillo anda a chocar alguma doença.

Cardenillo era o burro.

O burro parece-me de boa apariencia, disse o doutor; porque julgas tu que traz doença?

- E' que tuom juizo a ponto de meter medo; porque não era seu costume. O animal vaca-me a car deente; pela certa, já não escouela, não tenta morder, já não se defende quando o carregam.

- Homem! exclamou o doutor, rindo. E' a continar o passeio, mas de repente, reconsiderando:

- Olha lá, tu entendas a lingua dos burros?

Aquela pergunta estranha o hortelão, largou uma gargalhada.

- E o doutor? - perguntou por sua vez, quando pôde retomar fôlego.

- Eu entendo-a, respondeu o doutor com a maxima seriedade. Não quero dizer que lhe atinja todas as esfumaturas e subtigias; mas enfim, compreendo-a o bastante para te dizer donde vem a cordura do Cardenillo.

II

O hortelão não sabia bem que pensar. Por sim, por não, disse ao doutor:

- Ora diga lá então, senhor doutor...

Toda a gente sabe, disse ele, que os dias de feira são dias de assentência para os burros. Nesses dias centam novidades, tratam gravemente entre si as que lhes interessam o bem estar ou a dignidade de toda a corporação, e animam-se mutuamente a defender seus fôrmas e privilégios. Essas assembleias, embora solenes, não são obrigatorias, e os absentes não pagam multa, porque depende sempre do critério do dono levar o burro à feira ou deixá-lo na quadra. De resto, não cides que os burros que ficam no campo ignoram as decisões da assembleia. O burro que vem do mercado previne os camaradas na redondeza de mais d'uma legua.

Neste momento Cardenillo fez ouvir uma fanfarra ensurdecedora.

- Que diabo tem agora o burro? Que infernal! - exclamou o hortelão.

- Que ten? - prosseguiu o doutor; está transmitindo aos camaradas as recompensas da assembleia.

- E que recompensas são?

- Estas: Perseverança! Tudo vai melhor.

III

Vae melhor o quê? perguntou o hortelão.

Alguma coisa que ia mal, com certeza - respondeu o doutor. Mas ouve a minha bisteria. Lembras-te do mergulho que desste o ano passado no Rio da Horta? Deves lembrar-te, porque nunca hortelão ficou em mais miserável estado por picardia do seu burro. Pingavas da cabeça até aos pés, tinhas lama pela cara, nas mãos, em todo o corpo; o lenço de seda que levavas para tua mulher ficou feito numa rodilha e perdeste a bolsa na queda, o teu relógio de prata bateu tanta agua que até hoje te recusa a indicar horas certas. Pois se Cardenillo fez dar tão linda cambalhota, foi porque a assembleia assim o decidiu.

As queixas dos burros de hortelão eram grandes; um burro aragonês, cheio de rancor e eloquencia, esquentou as cabeças da assembleia, e nesse dia e nos seguintes andaram os hortelões de rixa pegada com os seus burros. Naquela mesma tarde o seu vizinho Zueco spanhou um coice na cara que o não d'ixou mais bonito; no dia seguinte outro seu vizinho, o Lopez, esfeve quasi esmagado debaixo do seu burro grande de Castela, que finiu tropeçar e se estatou em cima do dono.

IV

Se eu tivesse a certeza d'isso, ponderei o hortelão - meu quarto d'hora passaria o Cardenillo.

Em vez de te zangares por tão pouco, dá graças por as coisas não terem ido mais longe. O Aragonês, quando soube o resultado do seu primeiro discurso e as diversas vinganças que os burros tinham tomado dos donos, ensobrecer-se tanto que proclamou a assembleia uma revolta geral dos burros em toda a província. A assembleia a princípio ficou aterrada ante aquela audacia e de varios lados lhe perguntaram se tencionava pôr os homens no lugar dos burros e os burros no lugar dos homens. Precisamente - respondeu. As cabeças sentadas na assembleia sacudiram as orellas, mas os doidos e ambiciosos estavam com elle. Conhecer o proverbio: Dae um pregão a um aragonês, que elle o cravará com a cabeça. O burro aragonês não deixou mentir o proverbio. Repeliu varias vezes, não se den por batido, e de cada vez voltou á carga com novos adeptos e novos argumentos.

V

De tal maneira insistiu sobre a injustiça da sorte, sobre a barbarie dos homens, sobre as inúmeras razões de queixa dos burros e sobre a necessidade de acabar com elas pela força que os burros novos, exaltados, agruparam-se, com entusiasmo em volta dele.

Além disso, o maroto era experto e sabia que os burros se levam menos

pela razão que pelas paixões. Ao pre-

Granda desastre**POR ESSE MUNDO**

Revista da imprensa estrangeira

NA FRANCA

Uma restituição do Estado

Os jornais de Paris publicam o seguinte curioso comunicado oficial:

Paris, 31 de outubro de 1921,

A pessoa que deseja restituir ao tesouro uma soma de 150000 francos a título de imposto sobre benefícios de guerra não cobrado em virtude de declaração inexacta, é informada de que pode dirigir a dita soma, em titulos de renda ao portador em sobreescrito fechado e lacrado ao Ministro das Finanças (gabinete do ministro).

Esse envelope deve ser registado se for enviado pelo correio; pode também ser depositado nas mãos do portero da porta D do Palacio do Louvre, rua de Rivoli.

A esses titulos deverá ser anexada uma nota com a simples menção: benefícios de guerra.

Retribuição anônima: Será acusada recepção no Jornal Oficial.

O chefe do gabinete

Fernand Faure.

Ind'ós ha!...

Imaginem que as consciencias portuguesas despertavam tambem, e que mesmo lá de Paris começavam as restituições anônimas e onímas ao tesouro...

Crédito! Até faz lambrar a chuva dos 50 milhões de dollars!

A romagem aos cemiterios

Noticiamos já que no primeiro dia da visita aos mortos tinham entrado nos cemiterios de Paris mais de 2000 pessoas,

A romagem continuou no dia de Todos os Santos e no dia de Finados. Os jornais chegados ontem dizem que só no dia de Todos os Santos foram registrados nos 21 cemiterios de Paris 566 604 visitas. Os mais concorridos foram: Père Lachaise, 80.750; Montmartre, 16.860; Saint Ouen (novo), 50.488. O menos concorrido foi o de Montmartre Saint-Vincent: 1450 visitantes.

Um conego ignorante

A pedido da sociedade nacional de linguistica de Paris, e para recompensar os seus trabalhos de filologia e historia, o ministro da Agricultura, em 30 de outubro ultimo, nomeou oficial de instrução pública o conego Meupier, professor adjunto de fonética no Instituto Católico de Paris.

O conego Meupier, que tem uma grande comoção cerebral, parece ter fratura do crânio. Q Francisco de Campos, depois de pensado seguir para casa.

O automovel ficou avariado; pertencia ao sr. Armando de Guimarães Carvalho. Leite e era guiado pelo motorista Manuel Ferreira da Silva, que foi preso e transportado ao Aljube.

A romagem aos cemiterios

Como se sabe a visita aos cemiterios em França começa na véspera do dia de Todos os Santos e prolonga-se por dois dias. A «Croix» do dia 2 dia que o numero de entradas nos cemiterios de Paris, só na tarde de Domingo, foi de 213.318 pessoas.

Graves inundações

Telegrafam de Vancouver, na costa do Pacifico, que no sábado 31 de outubro, à tarde, houve gravissimas inundações em Britania Beach. De 114 casas, 50 foram levadas pelas aguas, desaparecendo 25 pessoas. O rio Cokutian inundou uma parte da cidade destruindo duas pontes de caminho de ferro. Estas inundações são dvididas às chuvas que caem há um mes e uma abundante nevada nas regiões elevadas e que depois um vento quente fundiu. As perdas são calculadas num milhão de dólares.

NA ITALIA**Casamento desmentido**

Dizem de Roma, em 31 de outubro, que o boato espalhado por alguns jornais extrangeiros das consultas das 10 às 12 e das 16 às 18 Avenida da Liberdade, nº 4, BRAGA

Telegramas do paiz

café e vinho

café com leite; leite ou cacau.

Variadissimo sortido de tabacos e licores

nacionaes e estrangeiros.

Vinhos de mesa engarrafados, pasteis e mais

artigos proprios do seu genero.

«Délibrantes»

Teve a sua feliz «délibrance», dando à luz um menino, a sr.º D. Maria da Conceição Matos, dedicada esposa do nosso amigo, sr. Mário de Vasconcelos Cardoso, ilustrado Capitão de infantaria n.º 20.

Parabens.

—Teve há dias a sua «délibrance», a ex.º snr.º D. Maria Cândida Gonçalves de Barros Mendonça, esposa do sr. Alferes Malheiros.

Os nossos parabens.

Enfermos

Continua gravemente enfermo o sr. Manuel Vitorino da Silva Guimarães.

—Encontra-se melhor dos seus incomodos o nosso preso amigo sr. Padre Francisco Almeida, distinto professor da Escola Primária Superior d'esta cidade.

Quem chega

e quem parte

Esteve no domingo entre nós com sua dedicada esposa o sr. Armando Peixoto.

—Com sua família regressou a esta cidade o sr. dr. José Quim Machado.

—Após algumas semanas entre nós regressou ao Brasil o nosso estimado patriarca Sr. José Sampaio Fernandes Guimarães, importante negociante n'aquele paiz.

—Vimos entre nós o sr. Abílio Teixeira Rebelo de Carvalho, de Gondomar.

—Esteve entre nós o sr. Sebastião Teixeira de Carvalho, de Lisboa.

—Regressou a Lisboa, em companhia de sua esposa e filha, o ilustre escritor, sr. Alfredo Pimenta, antigo deputado por este círculo.

—Regressou da capital o sr. Abílio Teixeira Carneiro.

—Dessa cidade regressou também o sr. Luiz Cândido Lopes, escrivão notário n'esta cidade.

—Estiveram nesta cidade em casa da ilustre família Pombel, os ex.ºs snr.ºs D. Eutínia Freire de Andrade e sua prima D. Maria de Noronha de Melo Portugal, que retiraram ontem desta cidade.

—Para a Povoação de Varzim

—Partiu para Vieira do Minho o rev. sr. Padre José Carlos Vieira.

—Regressou de S. Tomé de Nevelos, em companhia de sua família, o sr. João Vieira de Andrade, seguindo há dias a ex.ºa snr.ºa D. Albertina Carneiro, dedicada esposa do nosso amigo, sr. Manuel A. Pereira Duarte.

—Tem estado entre nós a ex.ºa snr.ºa Viscondessa do Pasco de Nespeira.

—Chegou da África e de visita aos seus amigos, esteve n'esta cidade o sr. tenente Silva, que em tempos, como alferes, comandou a secção da guarda republicana n'esta cidade. Foi-lhe oferecido pelos seus amigos um jantar no Grande Hotel do Tourel.

Notícias varias

Foi colocado em infantaria 20, o sr. alferes miliciano Ovidio Alberto.

—Foi aberto concurso para o provimento de duas vagas de professores efectivos do terceiro grupo do liceu desta cidade.

—Fala-se na realização dum grande baile de subscrição em benefício da Santa Casa da Misericórdia. Para esse fim vai ser organizada uma comissão de senhoras das mais distinatas do nosso meio.

É uma iniciativa que merece os mais rasgados louvores.

Correspondências**CALDAS DAS TAYPAS, 11**

No dia 9 do corrente realizou-se na paroquial igreja de S. Martinho de Sande o casamento do Ex.º Snr. Joaquim da Silva Ferreira Monteiro, bemquisto farmacêutico nesta povoação, com a sr.ºa D. Emilia Antunes Saravia de Carvalho, filha unica do abastado proprietário Sr. Antonio José Antunes Machado, da Casa da Moreira de S. Lourenço de Sande.

Assistiu ao matrimónio o Rev. José do Egypio Vieira, Abade da S. João do Souto, da cidade de Braga, que à misericórdia das bengas matrimoniais fez uma tocante e eloquente

allocução que comoveu profundamente os noivos e numerosos assistentes.

Finda a cerimónia religiosa, os noivos acompanhados de muitos convidados, quasi todos parentes, seguiram em numerosos automóveis para a casa da noiva, onde lhes foi servido um opíparo jantar.

Ao tuas iniciou os brindes o Rev. Luiz Dias da Silva, ex-Prior de Souto, que saudou os pais da noiva.

Seguiram-se vários brindes, da tia da noiva, Reitor das Taipas, aos noivos; do Rev. José do Egypio Vieira aos noivos e ao Ex.º Snr. Francisco José Silva Guimarães e esposa, da cidade do Porto; do ex-Prior de Souto ao Rev. José do Egypio Vieira e aos pais da noiva; do Snr. António de Freitas Ribeiro, à mãe da noiva.

Na «corbeille» dos noivos viam-se muitas e variadas prendas de sub do valor.

O noivo é um cavalheiro muito delicado e inteligente que a qui gosa das maiores simpatias, e a noiva senhora de esmerada educação muito gentil e prenda.

Os noivos seguiram para sua quinta em Esporões onde vão passar a lua de mel.

Desejamos-lhe um futuro repleto de ridentas prosperidades.

Corresp. particular.

IDEM 11.

Na passado domingo realizou-se na vizinha freguesia de S. Cláudio do Barco a primeira Comunhão de meninos, cuja solenidade, embora modesta, deixou em todos os assistentes uma impressão verdadeiramente agradável.

Pelas 10 horas o rev. paroco João Lobo de Macedo distribuiu a sagrada Comunhão aos novos comungantes, tendo-lhes feito previamente uma adquarem agradável.

Em s'guida distribuiu a sagrada Comunhão aos adultos, expôs o SS Sacramento solemnemente e celebrou a missa cantada.

Tanto durante a distribuição da SS. Eucaristia, como durante a missa, tocou o harmonio o sr. José Teixeira de Brito; cantaram versos durante a comunhão e a missa umas senhoras de Santo Estevão de Briteiros, reforçado o seu canto pela cooperação das meninas da Bouça Nova. Por fim fez-se a reposição, dando-se a bênção do SS Sacramento.

As crianças retiraram em ordem para a casa da Bouça Nova onde a família Guimarães lhes serviu um variado almoço, onde passaram toda a tarde numa santa convivência, tirando-se variss fotografias em grupo.

Entre as crianças destacava-se o menino José Rosas Guimarães que também n'esse dia fizera a sua primeira Comunhão.

Assistiu a família Rosas, do Porto, da Moreira, de S. Lourenço e da Ribeira de S. Cláudio.

A concorrência de povo das freguesias vizinhas foi grande, como nunca em festa puramente religiosa naquela freguesia se viu.

Enquanto almoçavam as crianças na casa da Bouça Nova, serva-se também um abundante almoço ás famílias intimas que para aquela solemnidade foram convidadas.

E' digna de todos os louvores aquela família que tão generosa tem sido para todos, nomeadamente para os pobres que sempre e n'aquele dia em multidão ao portal esperavam a costumada esmola.

Deus lhes pague com a glória, tanto bem.

Sepultou-se na passada segunda-feira no cemiterio do Salvador de Briteiros a sr. Rosa Esteves Gomes, de 23 anos de idade, solteira.

No mesmo dia sepultou-se no cemiterio de Santa Maria de Souto, o cadaver de Francisca Mendes, casada, com o marido ausente no Panamá.

Informações úteis

e seus portadores sujeitos às penalidades do artigo anterior os passageiros estrangeiros ou nacionais de residentes fora do paiz, que sejam encontrados no interior do Portugal; os primeiros sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 18. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem passaporte de viagem, a não ser que o interessado tenha nascido no estrangeiro ou tenha saído de Portugal antes da obrigação do passaporte para atravessar a fronteira portuguesa.

Art. 22. — Os passaportes de fronteira custarão, por cada período de três meses, em Espanha, \$50 e em Portugal \$3. Os vistos nos passaportes de fronteira custarão, por cada período de três meses: em Espanha \$3 e em Portugal 6.

§ 1º. Os jornalistas, operários e em geral todos os indivíduos que se empreguem em mistérios humildes terão uma redução de 60 por cento nos passaportes e vistos em que forem interessados.

§ 2º. Serão gratuitos todos os actos a favor dos indigentes.

Art. 23. — Nos postos de verificação cobrar-se-há, por cada novo passaporte, o visto que se verifique, a taxa de \$ 0.

Art. 24. — Todas as taxas e multas serão cobradas por meio de estampilhas fiscais coladas nos respectivos documentos e acompanhadas de recibo exarado nos mesmos.

§ 3º. No visto que se verifique, a taxa de \$ 0.

Estes decretos entram em vigor um mês após a sua publicação, (7 de Dezembro.)

Da Capital**Funcionalismo**

LISBOA, 11.—O sr. ministro das Finanças determinou que, como noticiamos, o sr. ministro das Colônias dirigiu aos governadores sobre a possibilidade de novos círculos eleitorais coloniais se realizarem já as eleições no dia marcado pelo decreto da dissolução responderiam já os governadores de Cabo Verde, S. Tomé, Ilhas e Macau, informando o primeiro que naquela colônia o ato eleitoral não se pode realizar antes de 6 de Janeiro, não dizendo os 3 últimos que, não havendo impossibilidade de nas respectivas colônias se efectua.

Art. 4º. — Ficam sem efeito, à data da execução deste decreto, os bilhetes de identidade criados pela legislação anterior.

Art. 5º. — O emolumento a cobrar pela cédula de identidade será rigorosamente proporcional ao rendimento do possuidor, não podendo contudo ser inferior a \$20 nem superior a 2c\$.

§ 1º. A cédula de identidade será gratuita para os indigentes.

Art. 6º. — Os indivíduos que não se munir da respectiva cédula no prazo legal, pagará uma sobretaxa de 50 por cento.

Art. 7º. — A cédula de identidade é válida por um ano, devendo ser renovada no prazo fixado por lei.

Art. 8º. — Metade da receita arrecadada pela expedição das cedulas de identidade, pertence ás camaras municipais, a cujo cargo corre a manutenção destes serviços. A outra metade dará entrada, no prazo de quinze dias depois de terminado o mês em que se tiver realizado a sua cobrança, no ministério dos negócios estrangeiros, e será aplicada á manutenção dos serviços de emigração, vigilância e expansão económica, depois de deduzidos 5 por cento para o cofre criado pelo decreto n.º 5.765 de 10 de maio de 1919.

Art. 9º. — Este decreto entra em vigor um mês depois da data da sua publicação e será regulamentado no prazo de quinze dias, a partir da mesma data. Durante o mês seguinte à publicação do regulamento, todos os cidadãos se munirão da respectiva cédula de identidade.

Art. 10. — Fica revogada a legislação em contrário.

O decreto sobre Passaportes é muito extenso.

Transcrevemos porem algumas das disposições mais importantes:

Artigo 1.º — Em quanto o governo julgar conveniente, só é permitida a passagem na fronteira a individuos munidos de passaporte.

Art. 2.º — Os passaportes são de duas espécies:

a) Passaporte de viajante, destinado a individuos que eventualmente atravessam a fronteira, seja qual for a sua origem e o seu destino;

b) Passaporte de fronteira, destinado a individuos que residem num concelho ou «ayuntamiento» duma fronteira, tem bens moveis ou exercem a sua profissão, o seu comercio, ou sua industria num «ayuntamiento» ou concelho de outra fronteira, onde não regular e periodicamente.

Art. 3.º — Os passaportes de viajante contêm os dados de que se informa no artigo anterior, a serem adicionados os dados de que se informa no artigo anterior.

Art. 4.º — Os passaportes de fronteira contêm os dados de que se informa no artigo anterior, a serem adicionados os dados de que se informa no artigo anterior.

Art. 5.º — Para a obtenção do passaporte de fronteira, basse a sua emissão, é necessário que o interessado demonstre que é devidamente credenciado para a fronteira, que tem bens moveis ou exercem a sua profissão, o seu comercio, ou sua industria num «ayuntamiento» ou concelho de outra fronteira, onde não regular e periodicamente.

Art. 6.º — Para a obtenção do passaporte de fronteira, basse a sua emissão, é necessário que o interessado demonstre que é devidamente credenciado para a fronteira, que tem bens moveis ou exercem a sua profissão, o seu comercio, ou sua industria num «ayuntamiento» ou concelho de outra fronteira, onde não regular e periodicamente.

Art. 7.º — O individuo que se encontre na fronteira, sem passaporte, pagará a taxa de \$1000.

Art. 8.º — O individuo que se encontre na fronteira, sem passaporte, pagará a taxa de \$1000.

Art. 9.º — O individuo que se encontre na fronteira, sem passaporte, pagará a taxa de \$1000.

Art. 10.º — Ficou adiada, para quando, oportunamente, for necessário, a reunião que ontém devia realizar-se do directorio do Partido Republicano Português, juntamente com a comissão municipal e presidente das comissões de paróquias do referido partido.

O individual que se encontre na fronteira, sem passaporte, pagará a taxa de \$1000.

Art. 11.º — Ficou adiada, para quando, oportunamente, for necessário, a reunião que ontém devia realizar-se do directorio do Partido Republicano Português, juntamente com a comissão municipal e presidente das comissões de paróquias do referido partido.

O individual que se encontre na fronteira, sem passaporte, pagará a taxa de \$1000.

solução foi tomada em consequencia dos membros do corpo dirigente do Partido Democrático terem de tratar de outros assuntos que se prendem com o acto eleitoral.

Art. 12. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 13. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 14. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 15. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 16. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 17. — As autoridades consulares portuguesas aplicarão, além das sanções já estabelecidas, uma multa de \$200 a \$1000, conforme as circunstâncias da primaária matrícula do nacional que se lhe apresente sem visto consular ou a nota de verificação, os segundo sem este último requisito.

Art. 18. — As autoridades consulares portug